



SEÇÃO TEMÁTICA



As masculinidades e a melancolia de gênero em jovens gays afeminados

Kléber Neves Marques Júnior, *Universidade Federal da Paraíba*

José Erivonaldo Ferreira Paiva Júnior, *Universidade Federal da Paraíba*

Resumo. A desidentificação com a masculinidade hegemônica e com a heterossexualidade, sua principal sinalizadora, gera um processo melancólico na constituição do gênero e da sexualidade dissidente. Associa-se a juventude ao circuito dessa economia simbólica como o momento da vida que mais carrega a expectativa de sua materialização, isto é, meninos-homens, másculos e heterossexuais. Quando os jovens percebem que não conseguem seguir essa “receita cultural”, passam a constituir-se pela própria vulnerabilidade de suas identidades e a melancolia persiste mediante as desvinculações socioculturais. Com isso, objetivamos analisar os determinantes de produção da melancolia de gênero na trajetória de vida de jovens gays afeminados. Utilizamos uma abordagem qualitativa, e os dados foram produzidos por meio de entrevista semiestruturada, cuja sistematização foi feita com base nos Núcleos de Significação, conforme proposto por Aguiar e Ozella (2006; 2013). Identificamos que a identidade dos jovens, gays e afeminados é marcada pelo medo de passarem toda a vida como mobilizadores de conflitos sociais que minam todos os seus processos de pertencimento e vinculação, levando à inibição de todo potencial de agenciamento de gênero e sexualidade e a um rebaixamento de si que provoca o cansaço e a exaustão de resistir às instituições sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidade hegemônica. Jovens gays. Juventudes. Melancolia de gênero.



As masculinidades modeladas

Os acomodamentos da estrutura binária (masculino e feminino) dos gêneros e das sexualidades, isto é, os lugares de pertencimento e as escolhas que fazemos para evitar o sentimento de ausência de poder, têm efeitos nas nossas formas de subjetivação da vida e são engendrados no contexto da reprodução das masculinidades.

Para Scott (1995, p. 86), “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos”. Esse posicionamento situa o gênero como uma construção social de eficácia prática que reflete as desigualdades entre homens e mulheres e extrapola concepções biologizantes que supostamente justificam essas dissimetrias a partir do sexo biológico.

O conceito de masculinidade hegemônica é análogo a essa posição e opera nesse sentido ao demonstrar que aspectos sociais, históricos e culturais incidem em diferenças entre homens e mulheres e entre os próprios homens. Connell (1995, p. 188) explica que “a masculinidade é uma configuração de práticas em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”.

A hegemonia, nesse contexto, significa a “[...] ascendência alcançada através da cultura, das instituições e da persuasão”. Não só, ela é a forma que representa o homem de honra, de modo que todos eles devem se posicionar em relação a ela, legitimando a subordinação global das mulheres aos homens e entre os próprios homens (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 245).

Esse tipo de masculinidade reúne um conjunto de práticas que são carregam uma aparência universal e, por isso, exige do homem uma forma específica de ser, precisando ele performar virilidade, altivez, agressividade, violência, ser uma superpotência sexual, esportivo, resistente aos afetos e todo capital de atitudes que, com isso, legitima e reafirma o homem “de verdade”, sendo “[...] a mensagem dominante: ser homem é ser diferente do outro, diferente de uma mulher” e, mais ainda, diferente dos gays (Welzer-Lang, 2001, p. 463; Connell, 2003; Connell; Messerschmidt, 2013; Connell, 2016; Marques Júnior, 2022).

A masculinidade hegemônica somente se equilibra e decorre em identidade quando associada à heterossexualidade. Para Carvalho, Andrade e Junqueira (2009), a sexualidade envolve desejo, afeto e intimidade, dimensões que também são socialmente produzidas e que requerem um grande esforço de (auto)governo por serem tão íntimas. A



vida nessa perspectiva faz com que, desde muito jovens, os meninos sejam ensinados a se acomodarem a esse ideal masculino heterocentrado estrutural que lhes garante o privilégio, a honra, o *status* heroico, ousado e audacioso, e eles devem seguir a vida como cúmplices e resistentes a qualquer inflexão que possa ferir esse fundamento. Associada à juventude, para além de ser um “jovem de futuro”, com bom desempenho profissional, escolar, familiar, produtivo, dentre outras prerrogativas, ele precisa ter a competência social de ser um homem de verdade, portanto, não-gay e não-afeminado (Marques Júnior, 2022).

Esses aspectos nos levam a identificar que há uma política de gênero inscrita nas masculinidades e na heterossexualidade, que envolve um conjunto de práticas que forjam relações de aliança, dominação, subordinação, intimidação e exploração, sendo a desqualificação do seu oposto um atributo de valor determinante na regulação e constituição do sujeito homem-macho. Gera-se uma formação subjetiva melancólica dessa política de gênero na construção das masculinidades e feminilidades, com particularidades nos ritos culturais e performáticos da vivência de jovens e gays afeminados, que em determinadas situações existenciais precisam renunciar/renegar esses fundamentos.

De acordo com Butler (2017), a melancolia de gênero é um processo psíquico e sociocultural que leva à internalização e à naturalização das normas de gênero e sexualidade e, conseqüentemente, reprime desejos e identidades que não se conformam a essas normas. Não obstante, optamos por um deslocamento dos moldes psicanalíticos do conceito para uma reflexão mais sociológica sobre esses processos de desidentificação. Assim, elucidamos que a masculinidade hegemônica e a heterossexualidade têm o lugar de norma e, com isso, sublinham uma dolorosa batalha entre o desejo de dissidência e o desencorajamento sistêmico.

Butler (2020) define que a melancolia pode ser dicotomicamente ora oblativa, levando à autocensura, ora criativa, fortalecendo o corte dos elos com a normatividade. Contudo, existe uma vacilação ou hiato entre essas dimensões e, com isso, o caráter oblativo da melancolia, em grande medida, pode causar dores e culpa aos processos de mediação que levam à desidentificação com a norma e favorece a organicidade e o fluxo livre de construção dos gêneros e das sexualidades. Nesses horizontes, há recorrentes despedidas e retornos às estruturas e lógicas de inteligibilidade de onde supostamente se deve partir, terreno de nossas preocupações neste estudo.



É nessa vacilação entre a oblação e a criatividade que, em muitos casos, identificamos na trajetória de jovens gays afeminados a compulsória negação do feminino por força das normas de gêneros e sexualidades, ao passo que o desejo de uma vinculação afeminada e homossexual nunca é perdido e passa a ser privatizado, condicionado ou manipulado sob o sentido da melancolia, posto que há consequências na desobediência e no enfrentamento da força da assunção da “morfologia do gênero” e suas identificações com a hegemonia (Butler, 2018; Marques Júnior, 2022).

Essa parametrização tem o poder de forjar uma cultura da melancolia de gênero na sua relação com a masculinidade hegemônica e com as juventudes gays e afeminadas, em um processo que, desde muito cedo, em cada situação existencial, obriga o sujeito a desapegos que fazem parte da constituição de seu gênero e de sua sexualidade. Há, em certa medida, uma perda de resistência da vontade de si pelo embargo de um processo marcado por uma identificação permanentemente rejeitada.

Diante disso, objetivamos neste estudo¹ analisar os determinantes de produção da melancolia de gênero na trajetória de vida de jovens gays afeminados. Para alçar o objetivo proposto, optamos por uma abordagem qualitativa, e como instrumento de produção de dados, elegemos a entrevista semiestruturada, cuja sistematização foi feita por meio dos Núcleos de Significação, com base em Aguiar e Ozella (2006; 2013).

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede pública do município de João Pessoa, na Paraíba, localizada na zona oeste da cidade, em um bairro considerado periférico. Os estudantes participantes foram identificados por meio da indicação de seus(suas) professores(as), pela temporalidade de convivência e pelo possível reconhecimento de suas questões de gênero e sexualidade. Essa foi a estratégia possível, pois, à época da pesquisa, estávamos vivenciando o período da pandemia do Covid-19 e, como forma de contenção, as aulas ainda estavam acontecendo remotamente.

¹ Este estudo é derivado da pesquisa realizada para a dissertação intitulada “Masculinidades bicha: trajetórias escolares das bichas no Ensino Médio”, apreciada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, do Centro de Ciências da Saúde (CCS), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – Campus I, com Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) sob o nº 46801021.8.0000.5188.



Após a identificação de três possíveis participantes, entramos em contato com eles, nos apresentamos, assim como o objetivo da pesquisa e suas diretrizes éticas, e eles aceitaram dialogar conosco. Preferiram nos encontrar no prédio da escola, devido à proximidade do local de suas casas. Eles eram estudantes regularmente matriculados no ensino médio e se autoidentificaram como gays afeminados, na faixa etária entre 17² e 20 anos, nomeados neste estudo como jovens 1, 2 e 3.

O Jovem 1, 17 anos de idade, estudante do 1º ano do ensino médio, se descreveu como alguém extrovertido, que ama cantar, de boa energia e, por vezes, tímido, a depender da intimidade que tem com quem está interagindo. Afirmou ter sido expulso de casa aos 16 anos quando conversou com sua mãe sobre sua sexualidade, a qual tentou negar até aquele momento. Por isso, estava residindo com o genitor e a madrasta, com quem ainda não tem um vínculo de confiança e respeito. Disse ele:

[...] em casa eu sou tão quieto que tu nem imagina! Eu fico bem quietinho porque lá eu sei que não gostam [de gays], principalmente a esposa do meu pai. Porque quando ela vê um homossexual na TV, em uma novela e tal, ela faz: ‘olha lá o viado safado... vai comer uma mulher!’. Aí eu fico bem quieto no meu quarto [...] (Jovem 1).

O Jovem 2, 20 anos de idade, estava cursando o 3º ano do ensino médio, disse ter sido abandonado pelo genitor aos seis meses de seu nascimento. Residia com a genitora e a irmã, cuja relação era marcada por pouco diálogo, sobretudo no que concerne às suas questões de gêneros e sexualidades. Sobre sua idade escolar, expôs que a homofobia o fazia pensar em desistir da escolarização e, por isso, algumas vezes foi reprovado.

Já o Jovem 3, também com 20 anos de idade, disse que o genitor e a genitora são divorciados e que por isso passa temporadas separadamente com cada um deles. Caracterizou a relação como sendo “ótima” e elucidou um pensamento problemático de seus parentes quanto à sua sexualidade assujeitada: “é melhor um filho gay do que um ladrão, é o que eles dizem”. Apesar de todos os contraditórios efeitos implicados nesse dito, o jovem afirmou sem pranteios que tem uma boa relação familiar. Expressou ainda que gosta de escrever, desenhar roupas e estudar o passado para identificar as mudanças. Se autodescreveu como uma pessoa agressiva e violenta, sendo essa sua forma de defesa das discriminações que sofre.

² Nesse caso, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi assinado por uma parente responsável pelo estudante.



A análise dessas e de outras determinações do empírico nos levou a formação do Núcleo de Significação intitulado: *“Se eu pudesse, eu não escolheria ser gay pelo simples fato de que eu não gosto de sofrer”*. Esse recorte da fala de um dos jovens da pesquisa sintetiza a significação de uma incorporação fundamentalmente melancólica da masculinidade hegemônica e da heterossexualidade enquanto estruturas reguladoras da aquisição das identidades. Suas trajetórias passam a ser marcadas por desprestígio, degradação, desvinculação, não pertencimento e pela ausência generalizada de conforto nos processos culturais de solidariedade e afeto.

A masculinidade hegemônica e os vetores sociais da melancolia

Antes mesmo do nascimento há códigos universais, simbolizados entre os séculos II e XVIII (Connell, 2003), para que a criança seja concebida, rendida e modelada pela cultura da melancolia de gênero. Não se espera, contudo, que o menino-homem se desidentifique com aquilo que lhe confere honra. Esse percurso inicia com a família na indução a cópia mimética das práticas de avôs, pais, irmãos, tios e primos, figuras da mídia e outros “exemplos” da presumida superioridade masculina e heterossexual.

Welzer-Lang (2001, p. 463) argumenta que cada etapa da vida do menino-homem compreende que ele esteja implicado a um lugar que o permita experimentar a masculinidade hegemônica. Com isso, “os mais velhos, aqueles que já foram iniciados por outros, mostram, corrigem e modelizam os que buscam o acesso à virilidade”. Louro (2000) corrobora com essa reflexão ao especificar que o aprendizado dos papéis sociais também se dá com a ajuda de brinquedos, brincadeiras, roupas, com a organização especial de lojas que separam o masculino e o feminino, nas filas de meninos e meninas na escola, nos banheiros, dentre outros elementos que reiteram e naturalizam a organização do mundo pelo sexo.

Com a chegada da juventude, vem a ocupação do espaço público de modo mais “instrumentalizado”. Nesse contexto, a ritualização da política das masculinidades deve ser reiterada porque as aprendizagens saem do controle central da família e passam a sofrer incidências do mundo externo com sua diversidade exposta. Portanto, a infância é privilegiada para tais convencimentos, mas a juventude ganha contornos



e territórios de performatização e de riscos específicos devido ao contexto de autonomia e liberdade que a entorna (Marques Júnior, 2022).

O “espaço público”, no caso dos jovens participantes deste estudo, elucida enunciações do nordeste brasileiro, terra de “cabra macho” que é representado pelo homem violento, flagelado, retirante, forte e bruto (Albuquerque Júnior, 2012). Esse “cabra macho” precisava ser invocado pelo Jovem 1 para ir à escola: “Para vir para essa escola eu tinha que passar por um campo de futebol, porque era um atalho que tinha... Eu passava bem quietinho, enchia o peito e erguia os braços”.

Por si só, a busca pela identidade masculina hegemônica e universalizada é sofrível e melancólica por colocar ao menino-homem a negação de seu próprio sofrimento inerente a formação do gênero e à luta por um lugar inatingível. Diríamos que uma das capacidades e competências mais esperadas para os meninos é que detenham modos subjetivos de autorregulação contra inflexões “afeminizantes”. Por tanto, existem certas particularidades e custos na vida dos jovens gays afeminados que se desencontram desses fundamentos e sofrem muitas punições quando decidem enunciá-las.

Em termos práticos, aquele menino-homem que (tenta) controlar bem a geografia da masculinidade hegemônica e leva uma vida heterocentrada, o “prêmio” que recebe é o afeto dos pais e mães ou responsáveis, dos(as) amigos(as), a possibilidade do namoro, das primeiras experiências sexuais, o consolo da espiritualidade, o direito a transitar pela cidade e o acesso as instituições sociais que aliviam o sofrimento. Butler (2018, p. 202) reforça que “a análise da melancolia homossexual não pode ser considerada como simétrica à análise da melancolia heterossexual”. Portanto, são diferentes as condições e vetores de reprodução das violências de gêneros e sexualidades produzidas pela masculinidade hegemônica e pela heterossexualidade.

A família é um desses vetores, carrega uma força ontológica de proibição, inibe as falhas de determinação da masculinidade hegemônica e da heterossexualidade e cria uma subjetividade própria na defesa da hegemonia por meio dos mais variados discursos, sobretudo o religioso, que pode ser um dos principais mecanismos de motivação que leva a correspondência mais íntima com a hegemonia, pois impera o medo de viver em pecado e a consequente condenação (Oliveira, 2017; Marques Júnior, 2022).



Esse aspecto pode ser notado nas falas a seguir:

[...] Eu dizia: ‘nossa, eu vou para o inferno!’ e essa coisa toda, né? (Jovem 1). E

Eu fico o tempo todo ouvindo minha mãe dizer [...] quando ela está com raiva [...] que isso [de ser gay] é errado, que Deus condena isso e por aí vai. (Jovem 2).

Se tem algo que interfere mais na vida de um homossexual, principalmente, é a religião... Pode prestar atenção... É complicado...” (Jovem 3).

O discurso religioso aqui, por meio da fala de parentes, aparece com uma intencionalidade constrangedora para que esses jovens vivam uma vida de traumas recorrentes. Isto é, a sociedade heterocentrada busca em suas práticas alimentar um estado de constante insegurança nos jovens gays afeminados, que é fomentada pela masculinidade hegemônica para a qual ela mesma pretende ser a resposta. Se a masculinidade hegemônica é a estrutura, a família e a religião colocam-se como suas vigilantes.

Essa simbologia disciplinante pode levar o jovem gay a agir sobre ele mesmo no sentido do reforço da masculinidade hegemônica, e assim esperam os familiares. Notamos uma tentativa de otimização de seu funcionamento por meio das afirmações dos(as) parentes, na intencionalidade de controlar a imaginação, a motivação e a autonomia, agudizadas na juventude, quanto a uma inflexão gay e afeminada nessa constituição. Demarcamos um processo de autorreificação no qual é esperada a internalização arbitrária das injunções da masculinidade hegemônica. No caso de jovens gays não-afeminados, por exemplo, essa é uma reciprocidade possível e bajuladora da arquitetura da masculinidade.

No contexto disciplinar dessa “lei externa” familiar correspondente à hegemonia, observamos tentativas de negação da “lei interna”, momento em que, pelo pânico de gênero (Butler, 2016), o jovem passa a exigir de si a otimização dos seus “atributos masculinos” que podem os tornar novamente “valorizados”. Butler (2016, p. 175) explica que, desta forma, “[...] a melancolia aparece como uma das múltiplas formas, mas a mais paralisante, de aceitar ser habitado por um discurso que, ao mesmo tempo, não é meu, mas me constitui”. Devido a isso, aceitar a não-relação com a masculinidade hegemônica e a heterossexualidade é quase como a morte de uma divindade, um desrespeito ao amor da família moderna.



Nessa perspectiva, os jovens fizeram as seguintes reflexões:

Quando eu senti essa coisa, eu tentava reprimir porque me ensinaram que era errado [ser gay]... Minha mãe, meu pai... todo mundo me ensinou que era errado. Me sentia estranho e muito mal. (Jovem 1).

No começo tentei negar [ser gay] pela solidão. Eu não conseguia falar com ninguém abertamente sobre isso. Se eu pudesse, eu não escolheria ser gay pelo simples fato de que eu não gosto de sofrer. (Jovem 2).

É como se “[...] na melancolia, uma parte do Eu se voltasse contra si próprio, através de autorrecreminações e acusações” (Butler, 2016, p. 176). Concomitantemente, notamos também uma fusão progressiva e estratégica entre os sentimentos atribuídos à família como amor, devoção, acolhimento e a honra que a masculinidade hegemônica provoca, condicionados, no entanto, à renúncia de si.

Considerando todos os anseios que, contingenciados à juventude e às responsabilidades que vêm com o contexto da maturidade, forja-se uma dicotomia entre a linguagem dissidente do Eu e o medo, o erro, a solidão e a ausência de solidariedade como consequência dessa possível desobediência. Entendemos também que essa estratégia visa à anulação de qualquer dimensão de revolta contra os pressupostos da masculinidade hegemônica, interditando uma possível redescrição completa para outras masculinidades possíveis. Isso porque o império masculino não é solidário à sua transformação, recusa ou revolta (Badinter, 1993).

Há uma rede que trabalha pela melancolia de jovens gays afeminados, uma vez que a masculinidade hegemônica é uma forma de vida em todos os campos de gestão social. Foucault (2006, p. 135) ressalta que o “o poder se exerce em rede, e nessa rede, não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de serem submetidos a esse poder e também de exercê-lo”.

Na fala a seguir, um outro lugar dessa rede onde o poder circula pode ser situado: “Eu vejo que... se eu agir [afeminado] como eu ajo, eu provavelmente não serei contratado... não seria contratado pelo que eu sou...” (Jovem 2). Em seu relato, o Jovem 2 traz a dificuldade de empregabilidade para homens gays afeminados, apontando uma outra dimensão dos vetores da melancolia. Destacamos o trecho de sua fala quando menciona que não seria contratado somente por ser gay. Isso pode ser interpretado como um aspecto subjetivo, de difícil tipificação



em termos práticos, mas constituinte da cultura da melancolia de gênero. Quer dizer, não importa seus currículos e suas competências, o gênero e suas elaborações, e a sexualidade dissidentes o antecipam e retiram da juventude a expectativa promissora no âmbito da produtividade.

Nessa perspectiva, Moura e Nascimento (2021) constataam que há um desmerecimento, alegorização, deboche ou inferiorização da identidade masculina afeminada em ambientes organizacionais. Por outro lado, quando conseguem ingressar nessas instituições, uma das perspectivas organizacionais é que performem a masculinidade homossexual não-afeminada.

Não só, na intenção de constranger, “a rua”, por meio das relações comunitárias e seus contextos culturais implicados, também produzem e fazem gozo diante das identidades afeminadas: “Eu passava na rua e Deus e o mundo dizia: ‘isso aí quando crescer vai ser viado’” (Jovem 3). Do mesmo modo, o Jovem 2 descreveu:

[...] ser bicha é bom... Sim e não. Sim porque é você mesmo e não é pelo preconceito que você sofre. Não é uma escolha que você faz. Você acha que eu gostaria de sair na rua e ser apedrejado, esfaqueado, baleado [...]? Você acha que eu gostaria de ser humilhado, escrachado quando fosse comprar um remédio na farmácia ou se eu estivesse andando no meio da rua e viesse um cara e me agredisse com uma barra de ferro? Se eu pudesse, eu não escolheria ser gay pelo simples fato de que eu não gosto de sofrer (Jovem 1).

O relato do jovem 1 leva a uma tensão que vem dos “policiais da masculinidade” alheia que, com frequência, agem com violência e agressões aos homens afeminados. O dito também aduz a dicotomia melancólica ao atribuir ambivalência ao “ser bicha”, posto que, ora permite a organicidade das identificações dissidentes, ora predomina a “lei externa” que é violenta e repressora. Há um tom de angústia e hesitação ao que se é, sentimentos típicos da melancolia de gênero causados pelo entendimento de que passará a vida toda como um mobilizador de conflitos sociais sem recompensas satisfatórias.

A emulação dessa relação foi percebida quando os jovens foram questionados quanto ao que compreendem sobre “ser heterossexual”:

[Ser hétero] é ser ‘normal’, é passar despercebido... A bicha não passa despercebida. Querendo ou não, a gente sempre chama atenção... Seja por um gesto, por uma fala... Todo mundo olha. (Jovem 1).



A heterossexualidade para mim sempre foi um menino e uma menina, um homem e uma mulher... (Jovem 2).

É o modo 'normal'... É a parte 'normal', entre aspas... (Jovem 3).

É notável que a melancolia estruturada mantém um ponto de vista masculino e heterossexual que se atrela ao paradigma normativo dos acomodamentos binários sob o *status* de normalidade ontológica. Essa condicionalidade leva os jovens a inibirem suas expressões dissidentes ou a performarem uma masculinidade mais próxima do ideal hegemônico:

Existe um [eu] 'mais menino' e outro [eu] 'mais menina'... Sim. Com certeza. Porque cada ambiente é uma coisa... Não dá para ser 100% bicha o tempo todo... Acho que não... Quando eu estou perto do meu pai, engrosso a voz... São alguns lugares e alguns casos assim... Às vezes isso me incomoda, dividir o que pode o que não pode... Espero que isso um dia acabe, né? (Jovem 1).

Inclusive, até para arrumar uma pessoa [para namorar] onde eu moro em si é difícil pelo simples fato de que as pessoas me conhecem e eu tenho do que elas vão dizer ou pensar... Infelizmente eu tenho muito medo de como elas vão reagir ao meu jeito. (Jovem 2).

Falar “grosso”, condicionar a gestualidade de acordo com as pessoas e os lugares, conforme o risco percebido, é uma tarefa cotidiana dos jovens gays afeminados para se autopreservarem, diferentemente da masculinidade homossexual não-afeminada, cujo signo oficial é preservado pelos quadros institucionais da hegemonia. Pontuamos, ainda nesse íterim, a retomada de um discurso perigoso na fala do Jovem 3:

Eu não vou me deitar com outro homem para no outro dia Deus e o mundo está falando [de mim] ou pegar uma doença. Deixa-me quieto no meu canto, deixa eu reservado, deixa [minha sexualidade] só para mim, é o melhor que faço (Jovem 3).

Ao dizer que prefere não ter práticas sexuais com outro homem, o jovem condiciona sua decisão por receio do que as respostas sociais do seu território podem causar. Na mesma narrativa, associa a possibilidade de adquirir uma Infecção Sexualmente Transmissível (IST) em uma relação homoafetiva. É possível que esse discurso possa estar ancorado no pânico de gênero que fundou e ainda hoje mantém a associação de uma representação cultural equivocada dos homens gays às ISTs, denotando ressonância de um discurso do passado no presente (Lopes, 2021).

Ainda, quando ele diz “[...] deixa [minha sexualidade] só para mim”, está demonstrando um “anseio insatisfeito” (Butler, 2017, p. 154),



isto é, não é uma auto atribuição de todo consciente, mas uma “atuação” do luto não resolvido de sua sexualidade imposto pela melancolia. Nas palavras de Safatle (2016, p. 190), trata-se da “[...] conformação de si a algo que tem a forma da vontade do Outro”.

Com isso, notamos que são muitos os vetores e triunfos da política de gênero que funda a política heterocentrada das masculinidades, a detentora das estratégias de nomeação e da instauração de um mal-estar existencial aos jovens gays afeminados. Não apenas, percebemos que a melancolia é inerente e instaurada pela masculinidade hegemônica, atuando não somente como coerção comportamental daqueles que dela divergem, mas também dos que brigam por sua força performativa de subordinação e pelo discurso moral de orgulho e honra.

Para Butler (2019, p. 217),

[...] ser homem ou ser mulher são assuntos internamente instáveis. Estão sempre acometidos por uma ambivalência precisamente porque há um custo na assunção de cada identificação, a perda de algum outro conjunto de identificações [...]

Logo, a assunção da identificação gay e afeminada é carregada por corpos imaginantes com uma memória acidentada, sofrida pela força cultural e impactada pelas afeições produzidas na relação com o outro. Imaginantes, pois, apesar de se enunciarem como gays afeminados, o realizam “sob o signo oficial de sua proibição e renegação” (Butler, 2017, p. 147). Portanto, há algo a ser perdido, negociado e submetido às identificações da masculinidade hegemônica e da heterossexualidade por meio de seus mais variados vetores. Por outro lado, é possível supor que ao “sair do armário” o processo da melancolia fora vencido e é chegada a liberdade e a adesão de si, contudo, esse é um processo permanente e prolongado em todas as situações existenciais, como discutimos a seguir.

A contravertida do pânico de gênero por meio da melancolia

Como já dito, é melancólico o hiato do assujeitamento à resistência para lidar com um modo profundo de intervenção social decorrente das inúmeras tentativas de substituição do primado da masculinidade hegemônica e sua força capilar no campo político e subjetivo das relações mais genuínas da vida humana. No limite, todas as instituições pretendem levar os jovens gays afeminados a uma identificação com o que lhes causa dor: o masculino heterossexual.



Todos os vetores de melancolia até aqui mencionados sublinham que a juventude gay e afeminada ainda é enunciada em contexto de subsistência e de uma “identificação melancólica” (Butler, 2017, p. 145). A melancolia é específica no caso de alguns desses jovens porque procede de um luto impossível de ser cumprido daquilo que foi/é perdido dos modos de vida heterossexuais. As perdas não pranteadas (e às vezes inconfessadas) permanecem na subjetividade desses jovens agindo sob crenças, sonhos e planos.

A tal ponto, o jovem 2 comunicou que precisou se acostumar a sofrer nas relações com as pessoas e concluiu: “[...] as alegrias ficam na memória por um curto período de tempo, já as tristezas, elas ficam para sempre”. O jovem 1, quando reportado ao termo “bicha”³, caracterizou o poder da linguagem no despertar da melancolia em seu desfavor:

Quando [me] chamam de bicha, eu fico ‘nem aí’... Bom, às vezes eu tento ignorar, mas eu lembro de tudo... De toda repressão... todo mundo me reprimendo... Sei lá. Por exemplo, às vezes, quando eu falava as pessoas diziam: ‘fala que nem homem, menino’. Por isso que, quando falam ‘bicha’, ‘viado’, eu fico pensando ‘nada a ver’... Mas às vezes pega mesmo no psicológico. (Jovem 1).

A ambivalência da melancolia está presente no que foi expresso pelo jovem 1. Observamos um “desnível de si” por meio dos reiterados sentimentos de inadequação. Quer dizer, há quedas provisórias nos níveis de resistência e autoaceitação, lugar onde a melancolia operacionaliza sua contravertida. Portanto, evidenciamos algo de impertinente em supor que se vive “fora do armário” a todo tempo e instante, aspecto este percebido nos relatos a seguir.

[...] hoje em dia eu já tenho uma carapaça para me proteger. A parte triste da minha proteção é que eu me isolo. Infelizmente eu perdi completamente as minhas emoções. A empatia também diminuiu um pouco... (Jovem 2).

Refletindo sua trajetória de vida, o Jovem 2 relatou que como uma forma de proteção usa uma “carapaça”. Esse foi um uso interessante do termo, pois, na anatomia zoológica a carapaça é definida como um escudo ósseo que serve para proteger o dorso de animais como tartarugas, caranguejos, jabutis, dentre outros (Santos et al., 2020). Sua proteção, entretanto, é social, significando manipular suas expressões de gênero e sua sexualidade e, como consequência disso, anular suas

³ O termo “bicha” foi difundido no Brasil dos anos 1960 como um xingamento aos homens afeminados. É uma adaptação da palavra francesa “biche”, que faz menção a jovens mulheres. Green (2019) significa que o termo é subversivo, pois ultrapassa sua intencionalidade violenta e revela as desigualdades e contradições na construção das masculinidades entre os próprios homens.



emoções, seu choro, a empatia e a solidariedade, resultando em isolamento. Por conseguinte, o jovem 3 usou o termo “reservado” para caracterizar essa tentativa de proteção, ainda que implique o “sigilo” em suas relações: “[...] dentro desse bairro não tem quem diga que já me viu com um homem... nem como amigo! Sempre fui mais reservado”.

Os jovens demonstraram subjetividades cuja dinâmica, conteúdo e qualidade aduzem a dificuldade de poder ser para a dificuldade de dever ser enquanto efeito da melancolia, das perdas provocadas pela dissidência. Diríamos que a contravertida do pânico de gênero por meio da melancolia atinge seu maior nível quando deixa de agir somente por meio das instituições e passa a agir nos jovens gays em si mesmos.

Com isso, importa destacar ainda que a proteção citada pelo jovem assume um sentido contraditório, onde seu assujeitamento e subalternização são interiorizados sob a lógica da proteção em uma mesma sentença. Butler (2016, p. 176) denota que “há uma “reflexividade” na melancolia através da qual eu me tomo a mim mesmo como objeto, clivando-me entre uma consciência que julga e outra que é julgada”.

Ainda nessa retórica, o Jovem 2 fez o seguinte relato:

Sempre fui uma pessoa muito carinhosa, sempre gostei de abraços... Então eu tentei abraçar menos... Tentei falar menos... Eu tentei olhar menos para os meninos assim... Aquele olhar de querer conhecer e ver o que rola... Tentei diminuir as minhas amizades com as meninas, que era uma coisa que me criticavam muito no fundamental... (Jovem 2).

Manipular gestos de carinho, abraços, o próprio ato da fala, o olhar dirigido para outros homens e as amizades com o outro gênero são aspectos que se colocavam na vida desse jovem como uma autoposição perante a política das masculinidades com uma função intencional de não sofrer, sofrendo. Butler (2016, p. 178) diz que “[...] somos atravessados por objetos que não conseguimos completamente integrar e que podem se voltar contra nós em uma reflexividade violenta e paralisante”.

Ampliando essa reflexão, consideramos importante destacar a função da máscara citada por Butler (2003, p. 80), a qual assume sentido semelhante a “carapaça” mencionada pelo Jovem 3. A autora então explica que “a máscara é parte da estratégia incorporadora da melancolia, a assunção de atributos do objeto/Outro perdido, na qual a perda é uma consequência de uma recusa amorosa”. À vista disso, a máscara ou a “carapaça” aduz a um processo de preservação, de renúncia



ou recusa de si em razão da lealdade com o outro, posição enfaticamente reiterada por um lugar nas políticas das masculinidades.

A máscara-carapaça se associa ao simbolismo de “não dar bandeira”, destacado na fala do Jovem 2, ao citar que parou de olhar para outros rapazes com desejo, demonstrando aqui mais um aspecto dessa contravertida masculina no bojo da melancolia de gênero, que é a “heterossexualização do desejo” (Butler, 2017). Essa significação tem continuidade quem ele fez o seguinte relato:

Na escola, por exemplo, eu já vi amigos meus, que não sabiam que eu sou [gay], serem esculachados... Tipo assim, tem umas pessoas que andam com uma certa inclinação, como o pessoal fala, rebolando... E quando você ver um homem rebolando, não só um homem, mas também uma criança, as pessoas veem com maus olhos. Então assim, o que eu vejo é como eu falei mesmo, tentar não dar bandeira... Para mim, não ‘dar bandeira’ seria tentar agir o mais normal e naturalmente possível para não demonstrar que sou gay (Jovem 2).

Ao perceber um colega de escola ser destrutado por ser gay, o pânico de gênero operou e fez o jovem 2 avaliar o desempenho performático e estético das masculinidades, concluindo que rebolar e gesticular demais poderia levá-lo a sentir o mesmo esculacho, por isso, decidiu “não dar bandeira”. Cabe ressaltar ainda aspectos da melancolia estruturada expressa por meio de ponto de vista masculino e heterossexual a aproximação com o ideal hegemônico como dimensões “naturais” e “normais” da vida. Observamos uma consciência que se articula as figurações sociais impostas por sua genitora e suas divindades.

O que foi referido pelo jovem 3 também ressoa o entrelace de poder do discurso familiar e alude as repercussões comunitárias de suas escolhas:

Muitas vezes [deixei de fazer coisas que gosto]... Agora o fato de eu não fazer não é por nada... Meu avô é vivo, minha avó é viva... Vamos ser justos, eu faço, me relaciono com alguém, amanhã todo mundo estará sabendo e não vai ser vergonhoso para mim, vai ser para meus pais. Então deixa quieto! Terminei [com meu último ficante] porque ele queria andar de mãos dadas, mostrar para todo mundo [que namorávamos]... Eu terminei porque depois que meu avô morrer, eu vou viver, mas até lá, eu devo respeito a ele. (Jovem 3).

O jovem afirmou que por diversas vezes inibiu sua sexualidade e seus afetos em prova de “respeito” a seu avô. Não somente, ao citar que terminou um relacionamento porque o parceiro queria “*andar de mãos dadas em público*”, demonstrou um sistema de atitudes melancólicas



que, para ele, é uma defesa elaborada para a honra de seu avô. De modo semelhante, o jovem 2 expôs:

Eu não só sinto medo do que a minha mãe pensa, mas também o que as outras pessoas pensam... Porque eu sou uma pessoa sentimental, uma pessoa carente, uma pessoa que já chegou perto da depressão... E assim, eu sinto que eu não quero ficar sozinho. (Jovem 2).

Destarte, essa é uma interpretação auto-repudiada, capturada e sublinhada pela melancolia, que os posiciona em atitudes que funcionam como uma “compensação moral” ou asseveram uma responsabilidade ética com as vinculações pelo fato de serem gays. Por outro lado, todas as dimensões dessa figuração estão, ao mesmo tempo, recusadas e rejeitadas, pois ora representam “vergonha”, ora indicam a solidão.

Cabe ressaltar que essa reflexibilidade culposa da melancolia de gênero está presente antes da premissa da autodeclaração pública na vida de jovens gays afeminados, portanto, tem atuação permanente nas identidades culturais. A intenção de seus vetores pode não estar tão nítida, mas seus efeitos são visíveis e relatáveis:

[...] antes de eu conseguir dizer que eu sou assim [gay], eu chorava muito, sei lá... Acho que eu já estava com início de depressão. Eu nunca dizia o que era realmente... Depois de muito tempo, eu decidi contar que era por causa disso [de ser gay] que eu chorava, que chegava triste na escola, me afastava das amigas... Aquilo me machucava... (Jovem 1).

No começo [eu tentativa negar] pela solidão, que eu não conseguia falar com ninguém abertamente sobre isso [de ser gay], ainda mais porque meus amigos na época do fundamental eram meio... assim... não eram tão tolerantes, né? (Jovem 2).

Os sentimentos de solidão, de não ter referência ou ponto de apoio, são vetores estratégicos da melancolia para aqueles que expressam qualquer sinal de discordância com o “destino da heterossexualidade”, levando-o a um processo de autocensura da identidade em razão da intolerância generalizada. Marques Júnior (2022) destaca que choro, tristeza e afastamento dos vínculos de amizade são características comuns na vida de jovens gays afeminados. Do ponto de vista do autor, esses jovens são tensionados e isolados por instituições que poderiam mediar a dor e o sofrimento, mas os negligenciam. Eles passam, então, a viver um “monólogo interno”, isto é, uma tensão psíquica regulada pela heteronormatividade e que perpassa questões fortes, dolorosas, densas e tensas demais para uma criança ou adolescente discernir, o que se torna contraditório, pois, mesmo estando no marcador supostamente universal



da infância/adolescência, não há cuidado ou vigilância para o sofrimento dos dissidentes.

A melancolia de gênero condiciona as dores que podem ou não ser choradas (Butler, 2017), e nesse caso, os jovens são forçados a seguirem alimentando uma violência interna em suas consciências e tendo que recompor, recriar e reinventar seus vínculos.

[...] eu não vejo no futuro a minha mãe no altar comigo, me casando com outro homem. A minha mãe, infelizmente, diz que vai me amar e me compreender, mas eu não vejo minha mãe no altar comigo... Na verdade, eu não vejo nem minha família no casamento. (Jovem 2).

A fala do Jovem 2 sintetiza a arquitetura da melancolia de gênero e sua performatividade autoritária e tirana que opera por meio do sacrifício de nós mesmos para o império da masculinidade hegemônica e da heterossexualidade. Cria-se uma dinâmica interna e íntima sistematicamente não agraciada e que clama pelo apagamento de uma consciência criativa e inventiva que pode se desidentificar com a política das masculinidades e com a heterossexualidade.

Há, por outro ângulo, ensejos de liberdade:

No mês do orgulho LGBTQ+ eu tirei aquela foto do meu whatsapp com a bandeira... Foi dentro do meu quarto mesmo. E aí, querida, vamos protestar, né?! Fiquei meio receoso de postar, aí eu disse: ‘espera aí que vou achar motivação agora’. Aí fui falar com minha amiga e ela disse: ‘que foto bonita, tem que postar’. Aí eu postei. Meu pai viu, minha mãe viu, mas não disseram nada. (Jovem 1).

[O feminino] é algo que eu não gosto e não admito, mas eu não quero manipulá-lo. É um negócio que eu convivi durante tantos anos, então não adianta eu fazer força para querer modificar algo que eu já nasci assim. Não adianta. Eu tomo como se fosse parte do meu corpo, então, fica aí mesmo. Quando quiser dormir, durma, e quando quiser acordar, fique à vontade. A gente divide o nosso corpo mesmo... É assim que vejo o feminino em mim. (Jovem 3).

Os relatos acima trazem a força criativa que a melancolia também pode provocar. Assim sendo, é possível modificar a reflexibilidade culposa da masculinidade hegemônica e da heterossexualidade por meio de símbolos e atitudes que favoreçam situações existenciais em que a bandeira LGBTQIAPN+ supera o medo e evoca a força de enunciação dissidente, do mesmo modo que o despertar do feminino possa conduzir a um protesto contra sua destruição, provocando a tirania normativa.

Considerações finais



Objetivamos com esse estudo analisar os determinantes de produção da melancolia de gênero na trajetória de vida de jovens gays afeminados. Para isso, chamamos atenção para os vetores socioculturais que submetem esses jovens a melancolia de gênero implicada à masculinidade hegemônica e a heterossexualidade enquanto dimensões produtoras de conflitos e sofrimento.

Elucidamos que a melancolia ora reforça a “autocensura”, ora possibilita a ruptura dos jovens e seus elos cristãos, familiares, fálcos, comunitários, afetivos e românticos com a masculinidade hegemônica e com a heterossexualidade. Por outro lado, nossa preocupação está no hiato entre essas duas dimensões. Nesse contexto, é cabível destacar que muitas vezes agimos como se não houvesse mais disputa nas políticas das masculinidades e como se os jovens gays e afeminados já não mais sofressem com as repercussões dessa desidentificação. Com efeito, há lógicas sociais complexas e estruturantes sobrepostas a liberdade de ser que são reificadas pelo pânico de gênero causando ódio, raiva, ressentimento e repulsa às dissidências.

A ideia de que a resistência é solidária de uma sociedade com menor incidência das dores da masculinidade hegemônica requer atenção, pois, ela também causa melancolia, sacrifica peculiaridades distintivas e, em muitos casos, esse é o principal caminho para o seu triunfo. A falta aqui provoca o desamparo em um contexto intenso de relações sociais fragmentadas simbolicamente em sua totalidade. Incurrer no discurso generalizante de que somos o tempo todo resistência é uma grande armadilha da política das masculinidades e provoca a cosmética sensação de autogoverno enquanto cortina os processos de exclusão.

Observamos, a partir disso, que há consequências socioculturais do entrelaçamento dessas estruturas que profundamente causa o sentimento de culpa permanente, medo da solidão, abjeção e negação da própria identidade. Os jovens gays afeminados passam por acúmulos de vulnerabilidades que ficam ainda mais adensados devido às expectativas sociais e culturais direcionadas às juventudes, particularizada quando esse desenvolvimento acontece na/pela diferença de gêneros e sexualidades. Eles sentem o peso de passar pela vida como sujeitos mobilizadores de conflitos e de ter que lidar com a sensação de vazio por não ter um caminho para seguir, levando à sensação de desamparo e desvinculação social generalizada.



Concluímos, então, que pautar os sofrimentos postos pela melancolia de gênero é não só caracterizar essas expressões, mas também permitir pensar possibilidades de fortalecer os jovens da diversidade, sugerir políticas públicas de cuidado e situar onde está o (des)compromisso com o sofrimento desses sujeitos no caminho de uma topografia interna que leve a sobrevivências das perdas e os instrumentalize à reinvenção de si.

Referências

AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. R. bras. Est. pedag., v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. 2013.

AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de Significação como Instrumento para a Apreensão da Constituição dos Sentidos. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 2, n. 26, p. 222-245. 2006.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. O preconceito contra o nordestino. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia. 3. ed. São Paulo: Edições MMM, 2012.

BUTLER, J. A vida psíquica do poder: teorias da sujeição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, J. The force of non-violence. New York: Verso Books, 2020.

CARVALHO, M. E. P.; ANDRADE, F. C. B.; JUNQUEIRA, R. D. Gênero e diversidade sexual. EFPB, 2009. Disponível em: www.ufpb.br>contents>noticias>didaticos>glossarioEscolasPlurais1. Acesso em: 01 mar. de 2024.

CONNELL, R. Gênero em termos reais. São Paulo: nVersos, 2016.

CONNELL, R. Masculinities. Ciudad Universitaria: UNAM-PUEG, 2003.



CONNELL, R.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?lang=pt>. Acesso em: 23 jan. de 2024.

DAYRELL, J.; CARRANO, P. Juventude e Ensino Médio: quem é este aluno que chega à escola. In: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. (Orgs.). *Juventude e Ensino Médio*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GREEN, J. N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora da UNESP, 2019.

LOPES, P. O. HIV e AIDS, passado e presente: os gays como representação social da doença, *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 7, n. 5, 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/download/30028/23651>. Acesso em: 01 mar. de 2024.

LOURO, G. L. Pedagogias de gênero e sexualidade. In: LOURO, G. L. (Orgs.). *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MARQUES JÚNIOR, K. N. *Masculinidades bicha: trajetórias escolares das bichas no ensino médio*. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2022.

MOURA, R. G.; NASCIMENTO, R. P. O gay afeminado nas organizações: uma tensão permanente com padrões heteronormativos. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 1, 2021.

OLIVEIRA, M. R. G. *O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.



SAFATLE, V. Dos problemas de gênero a uma teoria da despossessão necessária: ética, política e reconhecimento em Judith Butler. In: BUTLER, Judith. Relatar a si mesmo. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SANTOS, I. et al. Prótese parcial removível de carapaça na reabilitação de jabuti-piranga (*Chelonoidis carbonária* SPIX, 1824): relato de caso. Enciclopedia biosfera, v. 17, n. 34, 2020. Disponível em: <https://www.conhecer.org.br/ojs/index.php/biosfera/article/view/2091>. Acesso em: 26 fev. 2024.

SCOTT, J. Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica. Recife: SOS: Corpo e Cidadania, 1995.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. Revista Estudos Feministas, v. 2, n. 9, p. 460-482, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/WTHZtPmvYdK8xxzF4RT4CzD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 01 mar. de 2024.



Masculinities and gender melancholy in effeminate young gay men and

ABSTRACT: The disidentification with hegemonic masculinity and with heterosexuality, its main indicator, generates a melancholic process in the constitution of dissident gender and sexuality. Youth is associated with this symbolic economy as the stage of life that carries the highest expectation of its materialization, that is, boys-men, masculine and heterosexual. When young people realize they cannot follow this "cultural recipe," they begin to constitute themselves through the vulnerability of their identities, and melancholy persists through sociocultural disconnections. Thus, we aim to analyze the determinants of the production of gender melancholy in the life trajectories of effeminate gay youth. We used a qualitative approach, and the data were produced through semi-structured interviews, whose systematization was based on the Nucleus of Signification, as proposed by Aguiar and Ozella (2006; 2013). We identified that the identity of young, effeminate gay men is marked by the fear of spending their entire lives as mobilizers of social conflicts that undermine all their processes of belonging and connection, leading to the inhibition of all potential for gender and sexuality agency and a self-deprecation that causes the fatigue and exhaustion of resisting social institutions.

KEYWORDS: Hegemonic masculinity. Young gays. Youths. Gender melancholy.

Kléber Neves MARQUES JÚNIOR

Graduado em Serviço Social (FPB), Mestre em Educação (UFPB), Especialista em Gênero, Desenvolvimento e Políticas Públicas: Práticas Educacionais (FUNDAJ).

José Erivonaldo Ferreira PAIVA JÚNIOR

Graduado e Mestre em Fisioterapia (UFPB), pós-graduando em Fisioterapia Neonatal e Pediátrica pela (UNIPÊ-PB), pós-graduado em Fisioterapia em Terapia Intensiva pela (Faculdade Iguaçu).



Kléber Neves Marques Júnior
José Erivonaldo Ferreira Paiva Júnior

257

Recebido em: 03/03/2024

Aprovado em: 03/10/2024